

Sobre a influência do tempo NA CRÍTICA LITERÁRIA

por João Pedro de Andrade

Como tudo que é susceptível de se modificar, afeioar, encaminhar por diversos rumos, a literatura sofre o influxo das modas, das predilecções correntes. Evidentemente que não são essas modas ou predilecções que lhe abrem horizontes novos. Ao contrário, quando o gosto da maioria se fixa definitivamente (com o definitivo transitório destas e idênticas circunstâncias), é que se torna necessário procurar outras vias.

Por consequência, pretender delimitar uma área à literatura, por mais vasta que ela seja e por mais generosa que sejam os intuitos que a determinem, é desconhecer a essência do génio humano, e pretender agir em sentido contrário do que leva a inquietação dos homens às maiores audácias e às mais desconcertantes concepções.

A moda é a consagração da vulgaridade. (Não sei se isto está já dito por estas palavras, que vivem há muito tempo dentro de mim, sem que possa saber ao certo a sua proveniência). É tão absurdo pretender fixar, através dela, o papel a desempenhar de futuro por qualquer género literário, como prever, fundamentado nas tendências de hoje, as normas porque há-de reger-se a humanidade daqui a séculos. Por outras palavras: determinar, partindo dum ponto de vista presente, a orientação futura dum género literário, é praticar um anacronismo, é, em última análise, sustar toda a sua influência, atentar contra a sua expansão, anular-lhe o direito de continuar a existir.

Mas, se não podemos ser homens do futuro, sejamos, ao menos, homens do nosso tempo. De que modo? Não arriscando um passo fora dos caminhos já trilhados? De maneira nenhuma. Como disse acima, a inquietação humana não tem limites, e pelos rumos que ela indica deve orientar-se todo o elemento vital. Simplesmente, esses caminhos serão procurados, e não traçados de antemão. A própria inquietação se encarrega de escolher os melhores. E se se enganar, se tiver de voltar atrás, essas mesmas pesquisas constituirão elementos de vida a enriquecê-la, a dar-lhe mais impressionantes e dramáticos aspectos.

Ser homem do seu tempo não equivale a ser conformista. Mas o inconformismo do homem moderno tão pouco deverá ser um conformismo a longo prazo. Isto é: ponderan-

do a necessidade de sair do existente, por demasiado conhecido e por menos correspondente ao pensamento e à sensibilidade actuais, não deverá nunca pretender estabelecer-se, de forma definitiva, normas de vida futura correspondentes a pensamentos e sensibilidades futuras que se julguem imutáveis. Apliquemos isto à literatura e encontraremos a condenação do juízo literário que pretende arvorar em mentor do futuro o gosto ou moda predominante no momento.

Se nos voltarmos para o passado, veremos fartos exemplos de quanto são transitórias as correntes que mais definitivas se julgaram. E, analisando certas manifestações críticas do presente, veremos a incompreensão e a intolância condenando valores do passado que, se alguma vez foram grandes, não-de-sê-lo enquanto houver quem os compreenda e os aprecie em função do tempo e do meio em que agiram.

É banal ouvir referências a trechos ou pensamentos de escritores do passado, cujas obras, pela essência ou pela forma, estão fora das sensibilidades modernas, em manifestações como esta: «Nesse tempo achava-se ainda muito valor a isso». Esta frase vulgar, pressupondo uma valorização constante na profundidade da análise, na justeza da observação, na qualidade do sentido estético, leva-nos a pensar a que deslumbraamentos ou que altitudes do pensamento e da forma teríamos subido, a que requintes e subtilidades teria chegado a nossa visão, se desde Homero e E'squilo não fizéssemos senão progredir.

Ora é preciso que não confundamos os progressos técnicos inegáveis, ou o conhecimento desses progressos que fatalmente se reflete na produção literária, com o livre e sereno exercício da literatura. Dêsse confronto poderiam surgir lamentáveis equívocos: assim, qualquer poetastro de hoje que cantasse a aeronave ou onomatopaicamente transportasse para os seus versos o ritmo das máquinas dum transatlântico, teria maior valor do que Dante ou Camões, pela simples razão de no tempo destes não haver transatlânticos nem aeronaves.

O crítico ou o simples apreciador que quiser ser justo terá, pois, de escolher diferentes ângulos de visão para analisar as obras do passado, as do presente, e as que, sendo

do presente, procuram abrir caminhos futuros.

Não pertenco ao número das pessoas que vivem numa perpétua adoração ante as glórias do passado, ou que veneram a tradição por si própria.

Afigura-se-me mesmo que a época de transição em que vivemos, modificando de maneira quasi vertiginosa os valores éticos, mentais e estéticos, nos deixa pequena margem para aproveitarmos as lições do passado que a literatura nos ofereça, admitindo que do passado alguma lição perdue na literatura, aplicável ao presente. No entanto, julgo que é sempre possível ser justo, e julgo ainda que, em seu próprio interesse, o literato moderno não deve isolar-se de todo o movimento literário acumulado. Esse isolamento é, de resto, impossível, porquanto na confecção do seu gosto literário interferiram escritores do passado. Todos nós tivemos, na adolescência e no princípio da mocidade, os nossos ídolos literários. A experiência e o senso crítico, mostrando-nos as contingências e as imperfeições do que é humano, a própria inquietação espiritual trazendo o desencanto ao já conhecido e conduzindo-nos à procura do ainda inencontrado, fazem-nos olhar a distância, com um sorriso de descrença, esses pobres ídolos destronados. No entanto, diminuir o fulgor da auréola que os rodeava não é atirá-los para o canto das coisas inúteis.

Com a maior facilidade se acusa Victor Hugo de retórico e folhetinesco, Junqueiro de palavroso e vazio, Zola de obscuro ou de ingénuo, Eça de superficial ou precioso. Escritores absolutamente contemporâneos, como Anatole, são já olhados com indiferença ou desconfiança por nóveis literatos, e o seu valor é posto em dúvida e constitui motivo de inquéritos. É fácil ver a inanidade de tais críticas, porquanto elas não partem dum ponto de vista histórico nem científico; são apenas opiniões pessoais esclarecedoras do gosto literário de quem as emite, e não pecam por demasiado inteligentes, nem por demasiado fundamentadas. Tal como as profecias fáceis que pretendem abarcar de relance todo o futuro da humanidade, essas opiniões são anacrónicas, porque partem do presente para o passado sem uma tentativa de aproximação para penetrar e compreender o que nesse passado determinou o aparecimento das obras

criticadas.

É certo que há épocas das quais parece ter-se apartado todo o gosto literário. Entre nós o período ultra-romântico, que terminou com a questão do *Bom senso e bom gosto*, foi uma dessas épocas. Composições como «A Doida de Albano» e o «Ai adeus acabaram-se os dias» serão consideradas sempre, por uma estimativa literária comum a todos os tempos e a todos os indivíduos, como afrontas à verdadeira poesia. Se vivem ainda nas antologias é como documentos da triste mentalidade da época. Mas a obliteração do sentido estético num ou em vários períodos não chega para que se condene tudo o que se tenha feito em literatura antes de nós. É demasiado fácil ressaltar os clássicos (porque não se leram, ou, lendo-se, não se penetraram completamente), e subverter tudo o mais. De facto, se atacamos todos os que foram grandes, ou que um dia achámos grandes, porque nos seus escritos, que outrora nos pareceram belos, descobrimos falhas de som ou fraquezas de estilo, o que fica, aparte os clássicos? E, voltando os olhos para os tempos de hoje, de valores que somos impotentes para classificar em definitivo, onde encontramos os génios, os inultrapassáveis, os perfeitos? Dêste modo, como é que um critério derrotista, quanto ao passado, pode honrar o presente?

Se bem pensarmos, afigura-se-me que é às modas literárias e seus sequazes que cabem as maiores culpas, no caos crítico em que vivemos. Numa época de escritores que exaltam o individualismo, verificamos entre eles o mesmo parentesco, as mesmas semelhanças e até as mesmas imitações que caracterizaram as coortes do romantismo, do realismo, do simbolismo e do parnasianismo. No entanto, se os românticos tiveram o seu Sainte-Beuve, os modernos pretendem todos, além das actividades literárias que escolheram, ser críticos. Isto seria esplêndido, se essa aptidão crítica se voltasse em auto-crítica, e então veríamos uma consciência maior e um mais alto domínio de si mesmos denunciar-se nos escritos dos jovens escritores. Mas acontece que, quando fazem crítica, a sua personalidade é bem outra, e não seria difícil apontar-lhes, entre uma e outra actividade, graves contradições.

(Continua na página imediata)